

O Sonho de Sultana

Rokeya Sakhawat Hossain



O Sonho de Sultana

De Rokeya Sakhawat Hossain

Tradução de:

Angela Cecília Lacerda Coelho de Oliveira

Luciana Arruda Paula da Fonsêca

Maria Gabriella Jeremias da Silva

Winnie Costa Ferreira da Silva

Professor:

Daniel Antônio de Sousa Alves

Revisora:

Vanessa Rimbau Pinheiro

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

2019

PREFÁCIO

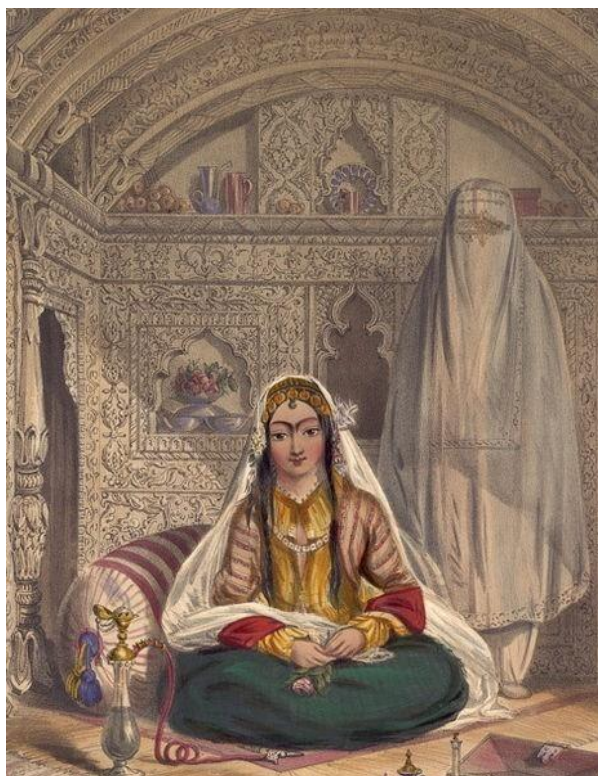
Esta tradução foi proposta na disciplina de “Estágio supervisionado V: prática de tradução em textos literários” do curso de Bacharelado em Tradução, da UFPB, e consistiu na avaliação da disciplina para o semestre. A atividade teve por objetivo a tradução de dois contos que possuísem relação temática e fossem de domínio público. Nós tivemos a opção de propor vários textos dos mais diversos temas, por fim, após algumas sugestões, entrou-se em consenso que faríamos a tradução de dois contos que retratam realidades distópicas. E a partir disso, uma das escolhas foi a distopia *Sultana's Dream*.

Sultana's Dream foi publicado originalmente na *The Indian Ladies' Magazine* (Revista das Mulheres Indianas), em Madras, no ano de 1905, em inglês. Essa edição reproduzida a partir de *Sultana's dream*; e *Padmarag: two feminist utopias* (O Sonho de Sultana e Padmarag: duas utopias feministas), de Rokeya Sakhawat Hossain. Traduzido com uma apresentação por Barnita Bagchi. Nova Deli (Índia), editora *Penguin Global*, 2005. O conto descreve a realidade em um lugar chamado Ladyland, no qual as mulheres comandam tudo, enquanto homens são mantidos em isolamento, refletindo a prática tradicional do *Purdah*, em uma inversão de realidades. As mulheres são capazes de desenvolver as mais diversas tecnologias, como carros voadores, captura de energia solar e controle do clima.

O nosso projeto tradutório para esse texto tem uma abordagem estrangeirizadora, sendo assim, optamos por manter nomes que aparecem como marcadores culturais da Índia, relacionados a sua história, sociedade, tradições, etc. A nossa estratégia foi manter essas palavras de origem indiana, em sua maioria, e inserir notas de rodapé com os significados delas. Desse modo, mesmo que superficialmente, os leitores e leitoras terão a possibilidade de aprender um pouco sobre a cultura indiana. Também mantivemos a expressão idiomática “*a frog in a well*” e utilizamos a estratégia de amplificação para deixar o sentido mais claro para o leitor. Acreditamos que essa escolha condiz com nossa proposta de tradução estrangeirizadora. Outro ponto que achamos importante acrescentar foram imagens de domínio público relacionadas aos locais e elementos da história, tais como *Zenana* e Trono do Pavão, pois consideramos que são recursos contribuem para melhorar a percepção do estrangeiro.

O público-alvo de nossas traduções é o de estudantes universitários, em geral. A faixa etária dos estudantes deve variar entre dezesseis e quarenta anos, aproximadamente. Tendo em vista nosso público, acreditamos que a nossa proposta estrangeirizadora não será de difícil leitura.

Sonho de Sultana



Senhoras de Cabul (1848), James Rattray

Uma noite dessas, estava eu refletindo sobre a condição das mulheres na Índia enquanto relaxava na espreguiçadeira no meu quarto. Não tenho certeza se adormeci ou não. Mas, pelo que me lembro, estava bem acordada. Eu via, de forma muito nítida, o céu enluarado brilhar junto a milhares de estrelas que pareciam diamantes.

De repente, uma mulher surgiu na minha frente. Como ela entrou, não sei. Imaginei que fosse a minha amiga, Irmã Sara.

— Bom dia! — disse Irmã Sara.

Eu ri internamente, pois sabia que não era dia, mas sim, uma noite estrelada. De qualquer forma, findei respondendo-a:

— Como vai você?

— Eu vou bem, obrigada. Você poderia vir aqui fora e dar uma olhada no nosso jardim?

Eu olhei novamente para a lua pela janela que estava aberta e achei que não havia problema em sair àquela hora. Os homens que trabalhavam lá fora estavam quase dormindo. Sendo assim, eu poderia fazer um passeio agradável com a Irmã Sara.

Eu costumava passear com Irmã Sara quando estávamos em *Darjeeling*¹. Por diversas vezes, caminhávamos de mãos dadas e conversávamos alegremente nos jardins botânicos de lá. Eu imaginei que Irmã Sara tinha vindo provavelmente para me levar a um desses jardins e prontamente aceitei a sua oferta e saí com ela.

Enquanto andávamos, descobri, para minha surpresa, que era uma bela manhã. A cidade estava completamente acordada e as ruas cheias de vida com uma multidão agitada. Eu estava muito envergonhada por estar andando pelas ruas em plena luz do dia, mas não havia um único homem à vista.

Algumas transeuntes faziam piadas sobre mim. Embora eu não entendesse a língua delas, tinha certeza que elas estavam fazendo piada. Eu perguntei a minha amiga:

— O que elas estão dizendo?

¹Região da Índia conhecida pelo cultivo do famoso chá preto “Darjeeling”. A região é dividida em “jardins de chá”, como são chamados os campos elevados onde se cultivam o chá.

Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/Darjeeling_tea

—Essas mulheres estão dizendo que você parece muito masculina.

— Masculina? — perguntei.

— O que elas querem dizer com isso?

— Elas acham que você é envergonhada e tímida como os homens.

Envergonhada e tímida como os homens? Era realmente uma piada. Fiquei muito nervosa quando percebi que a minha companhia não era Irmã Sara, mas, sim, uma estranha. Ai, que idiota eu fui por confundir essa mulher com a minha velha amiga, Irmã Sara.

Ela sentiu meus dedos tremendo enquanto andávamos de mãos dadas.

— Qual o problema, minha cara? — ela me perguntou de forma afetuosa.

— Eu me sinto um pouco estranha. — falei em tom de justificativa.

— Por ser uma mulher praticante do *pardah*², não estou acostumada a andar por aí sem véu.

— Aqui, você não precisa ter medo de cruzar com um homem pelas ruas. Estamos em Ladylândia, livre do mal e do pecado. A própria virtude reina aqui.

Passado um tempo, eu apreciava a paisagem. Era realmente maravilhosa. Confundi um pedaço da grama verde com uma almofada de veludo. Sentindo-me como se estivesse andando sobre um tapete macio, olhei para baixo e vi o caminho coberto de musgos e flores.

— Que lindo! — eu disse.

— Você gosta? — perguntou-me Irmã Sara. (Continuei a chamá-la de “Irmã Sara”, e ela continuou a chamar-me pelo meu nome).

— Sim, gosto muito, mas não gosto de pisar nas delicadas e meigas flores.

— Não se preocupe, Cara Sultana. O seu pisar não as machucará, elas são flores de rua.

— O lugar todo parece um jardim — disse admiradamente. —Você harmonizou todas as plantas tão habilmente.

— Sua Calcutá poderia se tornar um jardim muito mais agradável do que este, se seus conterrâneos assim quisessem.

— Eles achariam fútil dar tanta atenção a horticultura, quando eles têm tantas outras coisas a fazer.

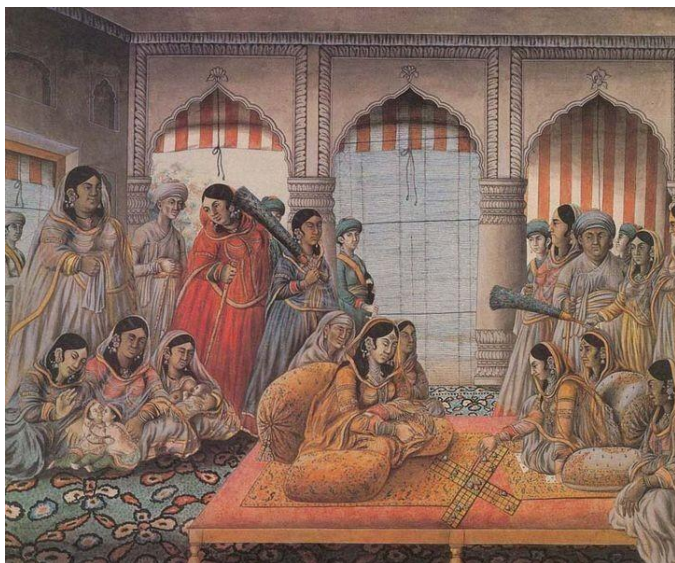
— Eles não podiam encontrar uma desculpa melhor — disse ela com um sorriso.

² Purdah é uma palavra hindi que significa “cortina” e refere-se a uma prática de algumas culturas (hindu e muçulmana) de evitar que as mulheres sejam vistas por homens que não sejam seus parentes e de exigir que elas cubram seus corpos e escondam seus formas.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Purdah>

Fiquei muito curiosa para saber onde estavam os homens. Encontrei mais de cem mulheres enquanto andava por lá, mas não encontrei um homem sequer.

— Onde estão os homens? — perguntei-lhe.



*Esposas jogando com eunucos Chaupar na Zenana (1790),
Navasi Lal*

— Nos seus devidos lugares, onde eles devem estar.

— Diga-me o que quer dizer por “*seus devidos lugares*”.

— Ó, que falha a minha, você não pode saber os nossos costumes, já que você nunca esteve aqui antes. Nós isolamos os homens dentro de casa.

— Assim como nós somos mantidas na *Zenana*³?

— Exatamente.

— Que engraçado! — dei uma gargalhada. Irmã Sara também riu.

— Mas... cara Sultana, quão injusto é isolamos as mulheres inofensivas e deixar os homens soltos.

— Por quê? Não é seguro para nós sairmos da *Zenana*, já que somos naturalmente fracas.

— Sim, não é seguro desde que haja homens nas ruas, assim como também não é seguro quando um animal selvagem adentra o mercado público.

— Claro que não.

— Imagine que alguns lunáticos fujam do hospício e comecem a fazer todo tipo de maldades a homens, a cavalos e a outras criaturas. Nesse caso, o que seus conterrâneos fariam?

— Eles tentariam capturá-los e colocá-los de volta no hospício.

— Obrigada! E você acha que é sábio manter pessoas sãs presas nos hospícios, enquanto as loucas ficam soltas?

— Claro que não! — disse, rindo discretamente.

— Na verdade, isso é feito no seu país! Os homens, que fazem, ou ao menos são capazes de fazer, todo tipo de maldade, ficam soltos e as inocentes mulheres ficam presas na *Zenana*! Como você pode deixar esses homens indomados soltos por aí?

³Lugar da casa reservado para as mulheres na cultura Hindu e muçulmana que praticam o *pardah*.

— Nós não temos voz nem vez na administração de nossas questões sociais. Na Índia, o homem é senhor e mestre, ele tomou para si todos os poderes e privilégios e trancafiou as mulheres na *Zenana*.

— Por que vocês se permitem serem trancafiadas?

— Porque não pode ser evitado, já que eles são mais fortes do que as mulheres.

— O leão é mais forte do que o homem, mas isso não o capacita para dominar a raça humana. Você negligenciou o seu dever para consigo mesma e perdeu os seus direitos inatos ao fechar seus olhos para seus próprios interesses.

— Mas, minha Cara Irmã Sara, se nós fizermos tudo sozinhas, então o que os homens irão fazer?

— Eles não farão nada, isto é, eles não servem para nada. Apenas pegue-os e coloque-os na *Zenana*.

— Mas seria muito fácil pegá-los e colocá-los entre quatro paredes? — eu disse. — E mesmo que isso fosse feito, todos os seus negócios – políticos e comerciais – também iriam para dentro da *Zenana*?

Irmã Sara não respondeu. Ela apenas sorriu carinhosamente. Talvez ela achasse inútil discutir com alguém cuja visão estreita de mundo se assemelhava a de um sapo dentro de uma cacimba.

A essa altura nós chegamos à casa de Irmã Sara. A casa estava situada num lindo jardim em formato de coração. Era um bangalô com um telhado de zinco. Era mais agradável e bonita do que qualquer um de nossos prédios suntuosos. Não posso descrever o quão arrumada e bem mobiliada era, nem quanto bom gosto havia na decoração.

Sentamos-nos lado a lado. Ela trouxe da sala uma obra de bordado e começou a colocar um novo design.

— Você sabe tricotar e costurar?

— Sim, não temos mais nada para fazer na *Zenana*.

— Mas não confiamos esse tipo de trabalho aos membros da *Zenana*! — disse rindo. — Já que um homem não tem paciência suficiente nem mesmo para passar uma linha através de um buraco de agulha!

— Você fez todo esse trabalho sozinha? — perguntei apontando para as várias peças de roupas bordadas.

— Sim.

— Como você encontra tempo para fazer tudo isso? Você tem que trabalhar no escritório também, não tem?

— Sim, mas não fico o dia todo no laboratório. Termino o meu trabalho em duas horas.

— Em duas horas! Como você consegue? Na nossa terra, os funcionários, os magistrados, por exemplo, trabalham sete horas diariamente.

— Vi alguns deles fazerem seus trabalhos. Você acha que eles trabalham todas as sete horas?

— Certamente, eles trabalham!

— Não, Cara Sultana, não trabalham. Perdem o tempo fumando, alguns fumam dois ou três charutos durante o trabalho. Falam muito, e pouco fazem no trabalho. Vamos supor que um charuto dure meia hora para ser consumido e que um homem fume doze charutos diariamente, ou seja, ele perde seis horas todo dia apenas fumando.

Nós conversamos sobre vários assuntos, e aprendi que eles não estavam sujeitos a qualquer tipo de doença epidêmica, nem sofriam de picadas de mosquito como nós. Fiquei muito surpresa ao saber que em Ladylândia ninguém morria na juventude, exceto por um raro acidente.

— Quer ver a nossa cozinha? — perguntou-me.

— Com prazer! — respondi.

E então fomos vê-la. Claro que os homens tinham sido convidados a sair quando eu estava indo para lá. A cozinha estava situada numa linda horta. Cada trepadeira, cada tomateiro era um ornamento. Não encontrei fumaça, nem chaminé na cozinha - estava limpa e brilhante. As janelas estavam decoradas com jardins floridos. Não havia sinal de carvão ou fogo.

— Como você cozinha? — perguntei.

— Com o calor solar. — disse ela, mostrando-me o tubo através do qual passou a luz solar concentrada e o calor. Em seguida, ela cozinhou algo para me mostrar o processo.

— Como conseguiu juntar e armazenar o calor do sol? — perguntei-lhe com deslumbramento.

— Deixa-me contar-lhe um pouco da nossa história. Há trinta anos, quando a nossa atual Rainha tinha treze anos, ela herdou o trono. Ela era Rainha apenas no nome, pois quem realmente governava o país era o primeiro-ministro.

— A nossa boa Rainha gostava muito de ciência. Ela ordenou que todas as mulheres em seu país deveriam ter educação. Assim, várias escolas de meninas foram fundadas e financiadas pelo governo. A educação tornou-se algo comum entre as mulheres. E o casamento precoce foi abolido. Nenhuma mulher poderia casar-se antes dos vinte e um anos. Devo dizer-lhe que, antes desta mudança, tínhamos sido mantidas em *purdah* rigoroso.

— Como as coisas se inverteram. — interpus com uma gargalhada.

— O isolamento é o mesmo. Por alguns anos, tivemos universidades separadas, onde nenhum homem era permitido — disse ela. — Na capital, onde vive nossa Rainha, existem duas universidades. Uma dessas inventou um balão maravilhoso, que eles anexaram uma série de tubos. Por meio desse balão cativo que eles conseguiam manter flutuando acima das nuvens, podiam extrair tanta água da atmosfera quanto quisessem. Como a água estava sendo incessantemente

puxada pelo povo da Universidade, nenhuma nuvem se reuniu e assim a engenhosa Diretora parou a chuva e as tempestades.

— Sério! Agora entendo porque não tem lama aqui! — disse eu.

Mas eu não conseguia entender como era possível acumular água nos canos. Ela me explicou como foi feito, mas eu não consegui entendê-la, pois meu conhecimento científico era muito limitado. No entanto, ela continuou:

— Quando a outra universidade soube disso, elas ficaram extremamente enciumadas e tentaram fazer algo ainda mais extraordinário. Elas inventaram um instrumento pelo qual elas poderiam coletar o máximo de calor solar que quisessem. E elas mantiveram o calor armazenado para ser distribuído entre outros conforme necessário. Enquanto as mulheres estavam envolvidas em pesquisa científica, os homens deste país estavam ocupados aumentando seu poder militar. Quando eles souberam que as universidades femininas eram capazes de extrair água da atmosfera e coletar calor do sol, eles só riram dos membros das universidades e chamaram a coisa toda de "*um pesadelo sentimental*"!

— Suas realizações são realmente muito maravilhosas! Mas me conte, como conseguiu colocar os homens do seu país na *Zenana*. Você os prendeu primeiro?

— Não.

— Não é provável que eles abdicuem de sua liberdade espontaneamente e se confinem dentro das quatro paredes da *Zenana*! Eles devem ter sido dominados.

— Sim, foram!

— Por quem? Por algumas guerreiras, suponho?

— Não, não pela força.

— Não, não pode ser. Os braços dos homens são mais fortes do que os das mulheres. Como então?

— Pelo cérebro.

— Até mesmo os cérebros deles são maiores e mais pesados que os das mulheres, não são?

— Sim, mas e daí? Um elefante tem um cérebro maior e mais pesado que o do homem. Contudo, o homem pode acorrentá-los e explorá-los a seu bel prazer.

— Muito bem, mas conte-me, por favor. Como tudo aconteceu, realmente? Estou muito curiosa para saber!

— O cérebro das mulheres é, de certo modo, mais rápido que o dos homens. Há dez anos, quando os oficiais militares chamaram as nossas descobertas científicas de "*pesadelo sentimental*", algumas das garotas mais jovens queriam dizer algo em resposta a essas observações. Porém, ambas Reitoras as impediram e disseram que elas não deveriam responder com palavras, mas com ações, se elas tivessem oportunidade. E elas não tiveram que esperar por essa oportunidade.

— Que maravilha! — bati palmas calorosamente. — E agora os senhores orgulhosos que estão tendo sonhos sentimentais.

— Pouco tempo depois, algumas pessoas de países vizinhos vieram se refugiar em nosso país. Elas estavam em apuros após cometer infrações políticas. O rei, que estava mais preocupado com poder do que com um bom governo, pediu a nossa bondosa Rainha que as entregasse a seus oficiais. Ela negou o pedido, como se fosse contra seus princípios entregar os refugiados. E por esta recusa, o rei declarou guerra ao nosso país.

— Nossos oficiais militares levantaram-se rapidamente e marcharam de encontro ao inimigo. Porém, o inimigo era muito forte para eles. Sem dúvida, nossos soldados lutaram bravamente. Mas apesar de toda a bravura, o exército estrangeiro avançou gradualmente a invadir nosso país. Praticamente todos os homens foram à luta; Nem mesmo garotos de dezesseis ficaram em casa. A maioria dos nossos guerreiros foi morta, e o restante recuou, o inimigo chegou a quarenta quilômetros da capital.

Uma reunião com diversas mulheres sábias ocorreu no palácio da Rainha para discutir sobre o que deveria ser feito para salvar a terra. Algumas propuseram lutar igual a soldados; outras contestaram e disseram que mulheres não são treinadas para lutar com espadas e armas, nem são acostumadas a lutar com qualquer tipo de arma. Uma terceira pesarosamente destacou que elas são irremediavelmente fracas fisicamente.

— Se você não puder salvar o seu país por falta de força física, — disse a Rainha — tente salvá-lo com o poder do cérebro.

Houve um silêncio mortal por alguns minutos. Sua Alteza Real disse novamente:

— Eu devo cometer suicídio se a terra e minha honra forem perdidas.

Então, a Reitora da segunda universidade (a que coletava calor do sol), que estava pensando silenciosamente durante a discussão, observou que elas estavam todas perdidas, e que havia pouca esperança restante para elas. Porém, havia um plano que ela gostaria de tentar, e seria seu primeiro e último esforço; se ela falhasse, não restaria nada além de cometer suicídio. Todas as presentes juraram solenemente que nunca permitiriam que fossem feitas de escravas, independente do que acontecesse.

A Rainha agradeceu de coração e pediu a Reitora que colocasse em prática o que ela tinha planejado. A reitora levantou-se novamente e disse:

— Antes de irmos, os homens devem retornar as *Zenanas*. Faça essa oração em nome do *purdah*.

— Sim, claro. — respondeu Sua Alteza Real.

No dia seguinte, a Rainha convocou todos os homens a se retirarem para as *Zenanas* em nome da honra e da liberdade. Mesmo feridos e cansados, eles seguiram a ordem em vez de receberem as bênçãos. Eles se curvaram e entraram nas *Zenanas* sem dizer sequer uma palavra de protesto. Eles tinham certeza que não havia nenhuma esperança para este país.

Então, uma das reitoras com seus duas mil estudantes, marchou até o campo de batalha. Chegando lá, direcionou todos os raios de luz solar concentrada e de calor para o inimigo.

O calor e a luz foram muito fortes, e eles não suportaram. Em pânico, todos fugiram desnorteados, sem saber como combater esse calor escaldante. Quando eles fugiram, deixaram para trás suas armas e munições de guerra. Eles foram queimados pelo mesmo calor do sol. Desde então, ninguém mais tentou invadir nosso país.

— E desde então seus compatriotas nunca tentaram sair das *Zenanas*?

— Sim, eles queriam ser livres. Alguns dos comissários de polícia e magistrados mandaram avisar a Rainha que os militares certamente mereciam ser presos por seu fracasso. Porém, eles nunca negligenciaram seu dever e, por isso, não deveriam ser punidos. Além disso, eles oravam para serem restaurados em seus respectivos ofícios.

Sua Alteza Real enviou-lhes uma carta circular dizendo-lhes que, se os seus serviços fossem necessários, eles seriam convocados e que, por enquanto, deveriam permanecer onde estavam. Agora que eles estão acostumados ao sistema do *pardah* e deixaram de resmungar em relação à sua reclusão, chamamos o sistema de “*Mardana*⁴” em vez de “*Zenana*”.

— Mas como você consegue? — perguntei à irmã Sara. — Lidar com casos de roubo ou assassinatos sem a polícia ou magistrados?

— Desde que os Sistema de *Mardanas* foi estabelecido, não houve mais crime ou pecado; Assim, nós não precisamos de policiais para achar um culpado, nem precisamos de magistrados para julgar um caso criminal.’

— Isso é muito bom, muito mesmo. Imagino que se houvesse alguma pessoa desonesta, você poderia facilmente castigá-la. Já que você obteve uma vitória decisiva sem derramar uma gota de sangue sequer, também poderia combater o crime e os criminosos sem dificuldade!

— Agora, minha Cara Sultana, Você ficará aqui ou virá para a minha sala? — ela me perguntou.

— Sua cozinha não é inferior aos aposentos de uma rainha! — respondi com um sorriso simpático.

— Mas nós devemos ir agora, pois os cavalheiros devem estar me rogando pragas por mantê-los tanto tempo longe dos seus afazeres na cozinha. Nós duas rimos calorosamente.

— Como minhas amigas ficarão maravilhadas, quando eu voltar para casa e contar-lhes que na longínqua Ladylândia, as mulheres governam o país e controlam todas as questões sociais, enquanto os homens são mantidos nas *Mardanas* para que cuidem dos bebês, cozinhem e façam todos os tipos de trabalhos domésticos; e cozinhar é algo tão fácil que é simplesmente um prazer cozinhar!

— Sim, conte-lhes sobre tudo o que você vê aqui.

— Por favor, conte-me como vocês conduzem o cultivo da terra e como aram a terra e fazem outros trabalhos manuais pesados.

— Nossos campos são arados por meio de eletricidade, que fornece força motriz para outros trabalhos pesados também, e nós também empregamos em nossos meios de transporte aéreos. Nós não temos nenhuma ferrovia ou ruas calçadas aqui.

⁴ Lugar da casa reservado para os homens, especialmente no subcontinente indiano.

— Logo, nenhum acidente viário ou ferroviário acontece por aqui. — eu disse. — Vocês não sofrem escassez de chuvas? — perguntei.

— Nunca desde a instauração do “balão de água”. Você vê o grande balão e os canos acoplados a ele. Por meio deles, podemos obter o quanto precisarmos de água da chuva. Nem nunca sofremos de enchentes e tempestades. Nós todas estamos muito ocupadas fazendo a natureza prover o máximo que puder. Nós nunca encontramos tempo para brigarmos umas com as outras, já que nunca ficamos ociosas. Nossa nobre Rainha gosta demasiadamente de botânica; é Sua ambição converter o país inteiro em um esplêndido jardim.

— A ideia é excelente. Qual é sua principal comida?

— Frutas.

— Como você mantém o seu país arejado no clima quente? Nós consideramos a chuva no verão como uma bênção do céu.

— Quando o calor se torna insuportável, nós borrifamos o solo com bastante água retirada das fontes artificiais. E no clima frio, mantemos nossos quartos aquecidos com o calor do sol.

— Ela me mostrou seu banheiro, cujo telhado era retrátil. Ela podia desfrutar de um banho de chuveiro sempre que quisesse ao simplesmente remover o telhado (que era como a tampa de uma caixa) e ligar o chuveiro.

— Vocês são pessoas sortudas! Exclamei. Nada lhes falta. Qual é a sua religião? Se não se importa de eu perguntar.

— Nossa religião é baseada no Amor e na Verdade. É nosso dever religioso amarmos uns aos outros e sermos absolutamente verdadeiros. Se alguém mentir, ela ou ele é....

— Punido com a morte?

— Não, não com a morte. Nós não temos prazer em matarmos uma criatura de Deus, ainda mais um ser humano. O mentiroso é convidado a deixar o país para sempre e nunca mais voltar.

— O transgressor nunca é perdoado?

— Sim, se a pessoa se arrepender com sinceridade.

— Vocês não têm permissão para ver qualquer homem, exceto seus próprios parentes?

— Não, exceto a parentela sagrada.

— Nosso ciclo de parentela sagrada é muito limitado; nem mesmo os primos de primeiro grau são sagrados.

— Mas o nosso é muito amplo; um primo distante é tão sagrado quanto um irmão.

— Isso é muito bom. Vejo que a própria pureza reina em seu país. Gostaria de ver a boa Rainha, que é tão sagaz e perspicaz e que fez todas essas regras.

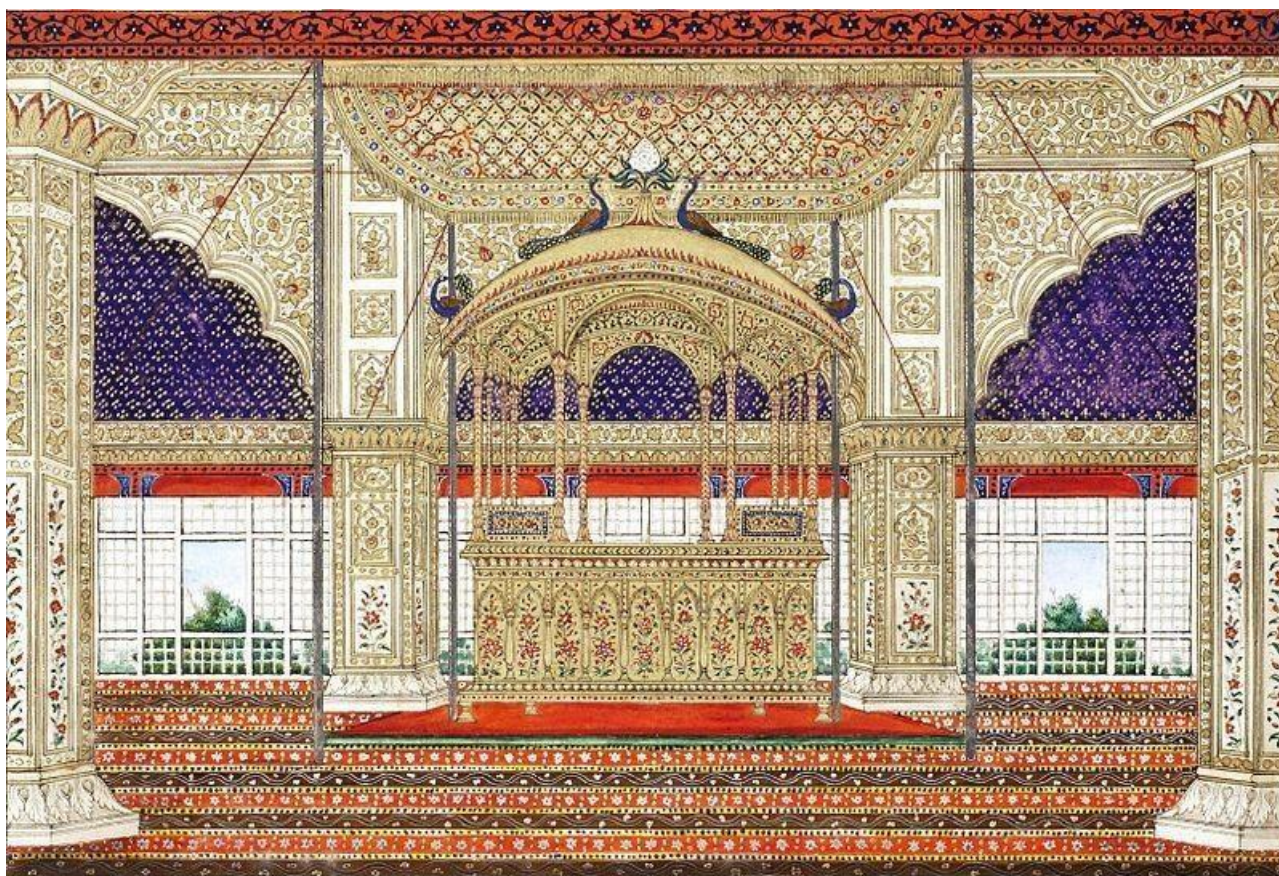
— Tudo bem, disse Irmã Sara.

Então, ela parafusou alguns assentos num pedaço de tábua quadrado, e a esta, prendeu duas esferas bem polidas. Quando eu perguntei sobre a utilidade delas, ela disse que eram esferas de hidrogênio e eram usadas para transpor a força da gravidade. Elas tinham capacidades diferentes a serem usadas de acordo com os pesos a serem superados. Ela, então, fixou ao aerocarro duas lâminas parecidas com asas, que, ela disse serem alimentadas por eletricidade. Depois de estarmos confortavelmente sentadas, ela pressionou um botão e as lâminas começaram a girar, movendo-se cada vez mais rápido a cada segundo. No início, atingimos uma altura de aproximadamente dois metros e então voamos. E antes que eu pudesse perceber que tínhamos começado a nos mover, já estávamos no jardim da Rainha.

Minha amiga aterrissou o aerocarro ao reverter a ação do motor e, quando o carro tocou o chão, o motor parou de funcionar e nós saímos.

Eu tinha visto, do aerocarro, a Rainha andando por um caminho no jardim com a sua filhinha (ela tinha quatro anos) e com suas criadas.

— Olá! Você aqui! A Rainha falou alegremente se dirigindo a Irmã Sara. Eu fui apresentada a Sua Alteza Real e fui cordialmente recebida por ela, sem nenhuma cerimônia.



Trono do Pavão (1852-1854), Ghulam Ali Khan

Eu fiquei encantada em conhecê-la. No decorrer na conversa que eu tive com a Rainha, ela disse que não tinha objeção alguma em permitir que seus súditos comercializassem com outros países.

— Porém, — ela continuou, — nenhuma negociação será permitida com países onde as mulheres sejam mantidas nas *Zenanas* e, conseqüentemente, não possam vir negociar conosco. Achamos que os homens não possuem uma boa moral, então preferimos não negociar com eles. Não cobiçamos as terras de ninguém, não brigamos por um pedaço de diamante, ainda que ele seja mil vezes mais brilhante do que o *Koh-i-Noor*⁵, nem mesmo ressentimos um governante e seu *Trono de Pavão*⁶. Nós mergulhamos profundamente no oceano de conhecimento e tentamos encontrar as pedras preciosas que a natureza conservou para nós. Apreciamos os presentes dela o máximo que podemos.

Depois de me despedir da Rainha, visitei as famosas universidades, e lá, me mostraram algumas de suas fábricas, laboratórios e observatórios. Após visitarmos esses locais, nós entramos novamente no aerocarro, mas assim que ele começou a se mover, de alguma forma, eu escorreguei e a queda fez com que eu acordasse do meu sonho. E, ao abrir os olhos, encontrei-me no meu próprio quarto ainda descansando na poltrona!

...

5 Koh-í-noor é um dos maiores e mais famosos diamantes do mundo, seu nome significa “montanha de luz”. No passado, esteve incrustado no trono do pavão. Atualmente pertence à Coroa britânica, sendo utilizado para ornamentar uma das coroas da rainha.

Fonte:https://pt.wikipedia.org/wiki/Diamante_Koh-i-Noor

6 Famoso trono incrustado de jóias usado pelos imperadores do Império Mogol que conquistaram o norte da Índia. Sua origem remonta ao século XVII e seu destino é incerto, já que passou pelas mãos de diversos conquistadores como troféu de guerra.

Fonte:https://pt.wikipedia.org/wiki/Trono_do_Pav%C3%A3o

A Celebration of Women Writers

Sultana's Dream
by Rokeya Sakhawat Hossain (1880 - 1932)



Sultana's Dream was originally published in *The Indian Ladies' Magazine*, Madras, 1905, in English. This edition is transcribed from *Sultana's dream; and Padmarag: two feminist utopias* by Rokeya Sakhawat Hossain; translated with an introduction by Barnita Bagchi. New Delhi (India) : Penguin, 2005.

Sultana's Dream

One evening I was lounging in an easy chair in my bedroom and thinking lazily of the condition of Indian womanhood. I am not sure whether I dozed off or not. But, as far as I remember, I was wide awake. I saw the moonlit sky sparkling with thousands of diamond-like stars, very distinctly.

All on a sudden a lady stood before me; how she came in, I do not know. I took her for my friend, Sister Sara.

'Good morning,' said Sister Sara. I smiled inwardly as I knew it was not morning, but starry night. However, I replied to her, saying, 'How do you do?'

'I am all right, thank you. Will you please come out and have a look at our garden?'

I looked again at the moon through the open window, and thought there was no harm in going out at that time. The men-servants outside were fast asleep just then, and I could have a pleasant walk with Sister Sara.

I used to have my walks with Sister Sara, when we were at Darjeeling. Many a time did we walk hand in hand and talk light-heartedly in the botanical gardens there. I fancied, Sister Sara had

probably come to take me to some such garden and I readily accepted her offer and went out with her.

When walking I found to my surprise that it was a fine morning. The town was fully awake and the streets alive with bustling crowds. I was feeling very shy, thinking I was walking in the street in broad daylight, but there was not a single man visible.

Some of the passers-by made jokes at me. Though I could not understand their language, yet I felt sure they were joking. I asked my friend, 'What do they say?'

'The women say that you look very mannish.'

'Mannish?' said I, 'What do they mean by that?'

'They mean that you are shy and timid like men.'

'Shy and timid like men?' It was really a joke. I became very nervous, when I found that my companion was not Sister Sara, but a stranger. Oh, what a fool had I been to mistake this lady for my dear old friend, Sister Sara.

She felt my fingers tremble in her hand, as we were walking hand in hand.

'What is the matter, dear?' she said affectionately. 'I feel somewhat awkward,' I said in a rather apologizing tone, 'as being a purdahnishin woman I am not accustomed to walking about unveiled.'

'You need not be afraid of coming across a man here. This is Ladyland, free from sin and harm. Virtue herself reigns here.'

By and by I was enjoying the scenery. Really it was very grand. I mistook a patch of green grass for a velvet cushion. Feeling as if I were walking on a soft carpet, I looked down and found the path covered with moss and flowers.

'How nice it is,' said I.

'Do you like it?' asked Sister Sara. (I continued calling her 'Sister Sara,' and she kept calling me by my name).

'Yes, very much; but I do not like to tread on the tender and sweet flowers.'

'Never mind, dear Sultana; your treading will not harm them; they are street flowers.'

'The whole place looks like a garden,' said I admiringly. 'You have arranged every plant so skillfully.'

'Your Calcutta could become a nicer garden than this if only your countrymen wanted to make it so.'

'They would think it useless to give so much attention to horticulture, while they have so many other things to do.'

'They could not find a better excuse,' said she with smile.

I became very curious to know where the men were. I met more than a hundred women while walking there, but not a single man.

'Where are the men?' I asked her.

'In their proper places, where they ought to be.'

'Pray let me know what you mean by "their proper places".'

'O, I see my mistake, you cannot know our customs, as you were never here before. We shut our men indoors.'

'Just as we are kept in the zenana?'

'Exactly so.'

'How funny,' I burst into a laugh. Sister Sara laughed too.

'But dear Sultana, how unfair it is to shut in the harmless women and let loose the men.'

'Why? It is not safe for us to come out of the zenana, as we are naturally weak.'

'Yes, it is not safe so long as there are men about the streets, nor is it so when a wild animal enters a marketplace.'

'Of course not.'

'Suppose, some lunatics escape from the asylum and begin to do all sorts of mischief to men, horses and other creatures; in that case what will your countrymen do?'

'They will try to capture them and put them back into their asylum.'

'Thank you! And you do not think it wise to keep sane people inside an asylum and let loose the insane?'

'Of course not!' said I laughing lightly.

'As a matter of fact, in your country this very thing is done! Men, who do or at least are capable of doing no end of mischief, are let loose and the innocent women, shut up in the zenana! How can you trust those untrained men out of doors?'

'We have no hand or voice in the management of our social affairs. In India man is lord and master, he has taken to himself all powers and privileges and shut up the women in the zenana.'

'Why do you allow yourselves to be shut up?'

'Because it cannot be helped as they are stronger than women.'

'A lion is stronger than a man, but it does not enable him to dominate the human race. You have neglected the duty you owe to yourselves and you have lost your natural rights by shutting your eyes to your own interests.'

'But my dear Sister Sara, if we do everything by ourselves, what will the men do then?'

'They should not do anything, excuse me; they are fit for nothing. Only catch them and put them into the zenana.'

'But would it be very easy to catch and put them inside the four walls?' said I. 'And even if this were done, would all their business – political and commercial – also go with them into the zenana?'

Sister Sara made no reply. She only smiled sweetly. Perhaps she thought it useless to argue with one who was no better than a frog in a well.

By this time we reached Sister Sara's house. It was situated in a beautiful heart-shaped garden. It was a bungalow with a corrugated iron roof. It was cooler and nicer than any of our rich buildings. I cannot describe how neat and how nicely furnished and how tastefully decorated it was.

We sat side by side. She brought out of the parlour a piece of embroidery work and began putting on a fresh design.

'Do you know knitting and needle work?'

'Yes; we have nothing else to do in our zenana.'

'But we do not trust our zenana members with embroidery!' she said laughing, 'as a man has not patience enough to pass thread through a needlehole even!'

'Have you done all this work yourself?' I asked her pointing to the various pieces of embroidered teapoy cloths.

'Yes.'

'How can you find time to do all these? You have to do the office work as well? Have you not?'

'Yes. I do not stick to the laboratory all day long. I finish my work in two hours.'

'In two hours! How do you manage? In our land the officers, – magistrates, for instance – work seven hours daily.'

'I have seen some of them doing their work. Do you think they work all the seven hours?'

'Certainly they do!'

'No, dear Sultana, they do not. They dawdle away their time in smoking. Some smoke two or three choroots during the office time. They talk much about their work, but do little. Suppose one choroot takes half an hour to burn off, and a man smokes twelve choroots daily; then you see, he wastes six hours every day in sheer smoking.'

We talked on various subjects, and I learned that they were not subject to any kind of epidemic disease, nor did they suffer from mosquito bites as we do. I was very much astonished to hear that in Ladyland no one died in youth except by rare accident.

'Will you care to see our kitchen?' she asked me.

'With pleasure,' said I, and we went to see it. Of course the men had been asked to clear off when I was going there. The kitchen was situated in a beautiful vegetable garden. Every creeper, every tomato plant was itself an ornament. I found no smoke, nor any chimney either in the kitchen -- it was clean and bright; the windows were decorated with flower gardens. There was no sign of coal or fire.

'How do you cook?' I asked.

'With solar heat,' she said, at the same time showing me the pipe, through which passed the concentrated sunlight and heat. And she cooked something then and there to show me the process.

'How did you manage to gather and store up the sun-heat?' I asked her in amazement.

'Let me tell you a little of our past history then. Thirty years ago, when our present Queen was thirteen years old, she inherited the throne. She was Queen in name only, the Prime Minister really ruling the country.

'Our good Queen liked science very much. She circulated an order that all the women in her country should be educated. Accordingly a number of girls' schools were founded and supported by the government. Education was spread far and wide among women. And early marriage also was stopped. No woman was to be allowed to marry before she was twenty-one. I must tell you that, before this change we had been kept in strict purdah.'

'How the tables are turned,' I interposed with a laugh.

'But the seclusion is the same,' she said. 'In a few years we had separate universities, where no men were admitted.'

'In the capital, where our Queen lives, there are two universities. One of these invented a wonderful balloon, to which they attached a number of pipes. By means of this captive balloon which they managed to keep afloat above the cloud-land, they could draw as much water from the atmosphere as they pleased. As the water was incessantly being drawn by the university people no cloud gathered and the ingenious Lady Principal stopped rain and storms thereby.'

'Really! Now I understand why there is no mud here!' said I. But I could not understand how it was possible to accumulate water in the pipes. She explained to me how it was done, but I was unable to understand her, as my scientific knowledge was very limited. However, she went on, 'When the other university came to know of this, they became exceedingly jealous and tried to do something more extraordinary still. They invented an instrument by which they could collect as much sun-heat as they wanted. And they kept the heat stored up to be distributed among others as required.'

'While the women were engaged in scientific research, the men of this country were busy increasing their military power. When they came to know that the female universities were able to draw water

from the atmosphere and collect heat from the sun, they only laughed at the members of the universities and called the whole thing "a sentimental nightmare"!

'Your achievements are very wonderful indeed! But tell me, how you managed to put the men of your country into the zenana. Did you entrap them first?'

'No.'

'It is not likely that they would surrender their free and open air life of their own accord and confine themselves within the four walls of the zenana! They must have been overpowered.'

'Yes, they have been!'

'By whom? By some lady-warriors, I suppose?'

'No, not by arms.'

'Yes, it cannot be so. Men's arms are stronger than women's. Then?'

'By brain.'

'Even their brains are bigger and heavier than women's. Are they not?'

'Yes, but what of that? An elephant also has got a bigger and heavier brain than a man has. Yet man can enchain elephants and employ them, according to their own wishes.'

'Well said, but tell me please, how it all actually happened. I am dying to know it!'

'Women's brains are somewhat quicker than men's. Ten years ago, when the military officers called our scientific discoveries "a sentimental nightmare," some of the young ladies wanted to say something in reply to those remarks. But both the Lady Principals restrained them and said, they should reply not by word, but by deed, if ever they got the opportunity. And they had not long to wait for that opportunity.'

'How marvelous!' I heartily clapped my hands. 'And now the proud gentlemen are dreaming sentimental dreams themselves.'

'Soon afterwards certain persons came from a neighbouring country and took shelter in ours. They were in trouble having committed some political offense. The king who cared more for power than for good government asked our kind-hearted Queen to hand them over to his officers. She refused, as it was against her principle to turn out refugees. For this refusal the king declared war against our country.'

'Our military officers sprang to their feet at once and marched out to meet the enemy. The enemy however, was too strong for them. Our soldiers fought bravely, no doubt. But in spite of all their bravery the foreign army advanced step by step to invade our country.'

'Nearly all the men had gone out to fight; even a boy of sixteen was not left home. Most of our warriors were killed, the rest driven back and the enemy came within twenty-five miles of the capital.'

'A meeting of a number of wise ladies was held at the Queen's palace to advise as to what should be done to save the land. Some proposed to fight like soldiers; others objected and said that women were not trained to fight with swords and guns, nor were they accustomed to fighting with any weapons. A third party regretfully remarked that they were hopelessly weak of body.

"If you cannot save your country for lack of physical strength," said the Queen, "try to do so by brain power."

'There was a dead silence for a few minutes. Her Royal Highness said again, "I must commit suicide if the land and my honour are lost."

'Then the Lady Principal of the second university (who had collected sun-heat), who had been silently thinking during the consultation, remarked that they were all but lost, and there was little hope left for them. There was, however, one plan which she would like to try, and this would be her first and last efforts; if she failed in this, there would be nothing left but to commit suicide. All present solemnly vowed that they would never allow themselves to be enslaved, no matter what happened.

'The Queen thanked them heartily, and asked the Lady Principal to try her plan. The Lady Principal rose again and said, "before we go out the men must enter the zenanas. I make this prayer for the sake of purdah." "Yes, of course," replied Her Royal Highness.

'On the following day the Queen called upon all men to retire into zenanas for the sake of honour and liberty. Wounded and tired as they were, they took that order rather for a boon! They bowed low and entered the zenanas without uttering a single word of protest. They were sure that there was no hope for this country at all.

'Then the Lady Principal with her two thousand students marched to the battle field, and arriving there directed all the rays of the concentrated sunlight and heat towards the enemy.

'The heat and light were too much for them to bear. They all ran away panic-stricken, not knowing in their bewilderment how to counteract that scorching heat. When they fled away leaving their guns and other ammunitions of war, they were burnt down by means of the same sun-heat. Since then no one has tried to invade our country any more.'

'And since then your countrymen never tried to come out of the zenana?'

'Yes, they wanted to be free. Some of the police commissioners and district magistrates sent word to the Queen to the effect that the military officers certainly deserved to be imprisoned for their failure; but they never neglected their duty and therefore they should not be punished and they prayed to be restored to their respective offices.

'Her Royal Highness sent them a circular letter intimating to them that if their services should ever be needed they would be sent for, and that in the meanwhile they should remain where they were. Now that they are accustomed to the purdah system and have ceased to grumble at their seclusion, we call the system "Mardana" instead of "zenana".'

'But how do you manage,' I asked Sister Sara, 'to do without the police or magistrates in case of theft or murder?'

'Since the "Mardana" system has been established, there has been no more crime or sin; therefore we do not require a policeman to find out a culprit, nor do we want a magistrate to try a criminal case.'

'That is very good, indeed. I suppose if there was any dishonest person, you could very easily chastise her. As you gained a decisive victory without shedding a single drop of blood, you could drive off crime and criminals too without much difficulty!'

'Now, dear Sultana, will you sit here or come to my parlour?' she asked me.

'Your kitchen is not inferior to a queen's boudoir!' I replied with a pleasant smile, 'but we must leave it now; for the gentlemen may be cursing me for keeping them away from their duties in the kitchen so long.' We both laughed heartily.

'How my friends at home will be amused and amazed, when I go back and tell them that in the far-off Ladyland, ladies rule over the country and control all social matters, while gentlemen are kept in the Mardanas to mind babies, to cook and to do all sorts of domestic work; and that cooking is so easy a thing that it is simply a pleasure to cook!'

'Yes, tell them about all that you see here.'

'Please let me know, how you carry on land cultivation and how you plough the land and do other hard manual work.'

'Our fields are tilled by means of electricity, which supplies motive power for other hard work as well, and we employ it for our aerial conveyances too. We have no rail road nor any paved streets here.'

'Therefore neither street nor railway accidents occur here,' said I. 'Do not you ever suffer from want of rainwater?' I asked.

'Never since the "water balloon" has been set up. You see the big balloon and pipes attached thereto. By their aid we can draw as much rainwater as we require. Nor do we ever suffer from flood or thunderstorms. We are all very busy making nature yield as much as she can. We do not find time to quarrel with one another as we never sit idle. Our noble Queen is exceedingly fond of botany; it is her ambition to convert the whole country into one grand garden.'

'The idea is excellent. What is your chief food?'

'Fruits.'

'How do you keep your country cool in hot weather? We regard the rainfall in summer as a blessing from heaven.'

'When the heat becomes unbearable, we sprinkle the ground with plentiful showers drawn from the artificial fountains. And in cold weather we keep our room warm with sun-heat.'

She showed me her bathroom, the roof of which was removable. She could enjoy a shower bath whenever she liked, by simply removing the roof (which was like the lid of a box) and turning on the tap of the shower pipe.

'You are a lucky people!' ejaculated I. 'You know no want. What is your religion, may I ask?'

'Our religion is based on Love and Truth. It is our religious duty to love one another and to be absolutely truthful. If any person lies, she or he is....'

'Punished with death?'

'No, not with death. We do not take pleasure in killing a creature of God, especially a human being. The liar is asked to leave this land for good and never to come to it again.'

'Is an offender never forgiven?'

'Yes, if that person repents sincerely.'

'Are you not allowed to see any man, except your own relations?'

'No one except sacred relations.'

'Our circle of sacred relations is very limited; even first cousins are not sacred.'

'But ours is very large; a distant cousin is as sacred as a brother.'

'That is very good. I see purity itself reigns over your land. I should like to see the good Queen, who is so sagacious and far-sighted and who has made all these rules.'

'All right,' said Sister Sara.

Then she screwed a couple of seats onto a square piece of plank. To this plank she attached two smooth and well-polished balls. When I asked her what the balls were for, she said they were hydrogen balls and they were used to overcome the force of gravity. The balls were of different capacities to be used according to the different weights desired to be overcome. She then fastened to the air-car two wing-like blades, which, she said, were worked by electricity. After we were comfortably seated she touched a knob and the blades began to whirl, moving faster and faster every moment. At first we were raised to the height of about six or seven feet and then off we flew. And before I could realize that we had commenced moving, we reached the garden of the Queen.

My friend lowered the air-car by reversing the action of the machine, and when the car touched the ground the machine was stopped and we got out.

I had seen from the air-car the Queen walking on a garden path with her little daughter (who was four years old) and her maids of honour.

'Halloo! You here!' cried the Queen addressing Sister Sara. I was introduced to Her Royal Highness and was received by her cordially without any ceremony.

I was very much delighted to make her acquaintance. In the course of the conversation I had with her, the Queen told me that she had no objection to permitting her subjects to trade with other countries. 'But,' she continued, 'no trade was possible with countries where the women were kept in the zenanas and so unable to come and trade with us. Men, we find, are rather of lower morals and so we do not like dealing with them. We do not covet other people's land, we do not fight for a piece

of diamond though it may be a thousand-fold brighter than the Koh-i-Noor, nor do we grudge a ruler his Peacock Throne. We dive deep into the ocean of knowledge and try to find out the precious gems, which nature has kept in store for us. We enjoy nature's gifts as much as we can.'

After taking leave of the Queen, I visited the famous universities, and was shown some of their manufactories, laboratories and observatories.

After visiting the above places of interest we got again into the air-car, but as soon as it began moving, I somehow slipped down and the fall startled me out of my dream. And on opening my eyes, I found myself in my own bedroom still lounging in the easy-chair!